

JORNAL DO BRASIL

Fundado em 1891

M. F. DO NASCIMENTO BRITO — *Diretor Presidente*MARIA REGINA DO NASCIMENTO BRITO — *Diretora Executiva*LUIZ ORLANDO CARNEIRO — *Diretor (Brasília)*WILSON FIGUEIREDO — *Diretor de Redação*DACIO MALTA — *Editor*ROSENTHAL CALMON ALVES — *Editor Executivo*ETEVALDO DIAS — *Editor Executivo (Brasília)*

Um Sonho Brasileiro

6 Con. Brasil

Dois modelos disputam neste final de século os temores e esperanças dos brasileiros, empenhados na luta contra a estagflação — letal combinação de inflação com estagnação — e às voltas com as tarefas da modernização política e social.

O primeiro deles é o da extinta União Soviética, país que nos assusta com o fantasma do separatismo e da desagregação. O segundo pode ser encarnado na reunião dos doze países da Europa Ocidental em Maastrich, exemplar tentativa de formação de grandes blocos geo-econômicos, onde o preço da paz, da prosperidade e da união política é o fruto de um grande pacto, em que todos abdicam de algo para ganhar muito.

Estes modelos atuam sobre o inconsciente nacional, excitando fantasias catastróficas e regressivas, que se alternam com surtos de *wishfull thinking* de um otimismo enganador. Na fase depressiva, o Brasil "deu errado" ou "não aconteceu". Na fase eufórica, um presidente brasileiro figura numa fotografia do Grupo dos Sete onde ninguém usa *guaiabera*. São simplificações que traduzem ansiedade.

Durante as décadas em que a economia brasileira teve altos índices de crescimento, ninguém falou em separatismo. Contudo, pesquisas de opinião realizadas no final de novembro, no Rio e em São Paulo, registram tendências secessionistas adormecidas desde os anos trinta. Por trás do preconceito, da imodéstia e do velado racismo de algumas respostas e propostas detectados pelas sondagens, é fácil discernir as recriminações mútuas entre o Brasil rico e o Brasil pobre.

O sul maravilha batendo na tecla da representação política distorcida — por exemplo, no fato de que, para eleger um deputado, o voto de um paulista valha vinte vezes menos do que o de um eleitor de Rondônia. O Norte e o Nordeste, por seu lado, reclamando da enorme fatia do orçamento nacional que se desloca para o sul, através de incentivos e subsídios do BNDES. É o clamor contra o famigerado hospital de empresas frequentemente mal geridas e pouco competitivas.

Com o agravamento da situação econômica, as recriminações entre os diversos Brasis e os delírios separatistas desembocam no que os franceses chamam de "dialética do pior". Uma espécie de escalada em que todos abrem mão de muito para não ganhar coisa alguma. Pois, como escreveu Carlos Castelo Branco, é evidente que as veleidades autonomistas e as idéias separatistas são fruto de um estado geral de deterioração dos valores nacionais como um todo.

Segundo ele, "quando desaparecem as vantagens da aglutinação e da fusão, emergem os fatores da separação e a tentativa de procurar na solidão a felicidade que não se encontrou numa união mais que secular". Desprezar, porém, o milagre da unidade política, lingüística e religiosa, forjada na colonização e consolidada no Império, em função de ressentimentos provocados pelo incontornável esforço de estabilização da economia, é pior que um pecado — é um erro.

No Brasil inexistem as razões históricas que atuam por trás da dissolução da URSS: nossa unidade não foi imposta na base de anexações artificiais e recentes. O problema brasileiro é a terrível desigualdade social e regional, a luta pela educação, pela saúde, por uma economia competitiva e moderna.

Políticos de regiões arcaicas do país devem abandonar definitivamente a tradicional atitude de colocar a fonte de seus males em fatores que lhes escapam do controle. Como a seca, a dependência do Centro-Sul, a idéia de que o problema do Nordeste é uma questão nacional e não nordestina. Uma forma de eximir suas elites de responsabilidade histórica — da insensibilidade social e de suas alianças com o atraso.

São Paulo, por sua vez, deve resistir a tentações megalômanas, consubstanciadas na imagem da locomotiva que carrega vagões vazios. É verdade que o grande estado exibe, hoje, um PIB equivalente ao da Bélgica. Mas também é verdade que São Paulo foi beneficiado pela industrialização promovida primeiro por Getúlio, depois por Juscelino Kubitschek, na verdade o grande fundador da São Paulo moderna. São Paulo também se beneficiou com o regime militar, durante o longo reinado de Delfim Neto, que favoreceu o modelo concentrador, cartelizado e dependente do Estado.

É de se esperar, agora, que São Paulo compareça com sua cota de sacrifícios exigidos pelo ajuste econômico. Tornando, por exemplo, suas indústrias mais eficazes, seus produtos melhores e mais baratos, seus empresários menos mercantilistas e corporativos. Mas também resistindo aos saudosos de 1932, cujo constitucionalismo mal esconde o pendor separatista. Esta palavra, no Brasil, não pode ser o efeito da bem-sucedida e próspera história paulista. Ela é o subproduto da crise econômica e do mal-estar social. E não se deve chamar de sonho o que não passa de um pesadelo.